

CRASE

Ano 2 - 14ª Edição - Setembro - 2011

#14

Setembro - 2011

Vinte anos de sucesso

*Cia. Fodidos Privilegiados
faz 20 anos*

A sinfonia popular de Vinicius Castro

*Confira seu cd de estreia e
suas outras vertentes*

Bê-a-Base!

O caos na educação

VEM AÍ

1ª Semana da Contracultura

Fique ligado em
nossas redes sociais.



@revistacrase

facebook.com/revistacrase



REVISTA
CRASE

Pra quem pensa. Ao contrário.

índice

p. 08 **Editorial**

p. 10 **A Fantástica Saga de Harry Potter**
A literatura fantástica sendo remodelada.

p. 14 **Vinte anos de histórias, encontros e privilégios**
Cia. Fodidos Privilegiados retorna celebrando o velho teatro de grupo.

p. 20 *As estrelas dos festivais*
O que vai andar nos pés de quem procura boa música e diversão.

p. 24 ***Filósofos de Facebook***
O despertar dos pensadores de latrinas.

p. 28 ***A sinfonia popular de Vinicius Castro***
Confira seu cd de estreia e suas outras vertentes.

p. 34 ***Bê-a-Base!***
O caos na educação.

REVISTA CRASE

DIRETORIA

Direção-Geral: Dans Souza
Diretor de Redação: Rafael Farah
Diretor Executivo: Diego Senra Dansiger

REVISTA CRASE

Redatores: Bruno Buhr, Cadu Senra,
Clarissa Affonseca, Leandro Bertholini,
Tiago Garcia, Vinícius Baião
Produção: Hélio Lobato, Yves Araujo

ARTE

Diretor de Arte e Diagramação: Nicolas Dani
Assistente: Clarissa Affonseca

FOTOGRAFIA

Editor-Responsável: Diego Val

INTERNET

Programador: Dans Souza



Editorial

Nesta edição, no editorial de música, apresentamos o trabalho de Vinícius Castro. Um músico brilhante e independente do cenário carioca. Não é a primeira vez que fazemos um trabalho com artistas independentes e, como em todas as outras vezes, a experiência foi maravilhosa, não só pela personalidade do músico, mas como também as suas obras que atingem um nível de excelência impressionante. Isso me faz pensar nas diferenças entre músicos independentes e aqueles que têm batalhões de empregados à sua disposição. Obviamente existem inúmeras vantagens em ter fileiras intermináveis de profissionais dispostos (\$) a ajudar, mas percebi que o trabalho “independente é, na maioria das vezes, mais caloroso, o empenho do artista é muito maior.

Este fenômeno, no entanto, não se limita ao mundo da música, como também já vimos na Crase. Escritores, atores, desenhistas, pintores, seja lá o que for. A independência normalmente vem

carregada de uma magnífica autonomia que permite ao profissional alcançar o pináculo de sua genialidade e talento, quaisquer que seja a sua área de atuação.

Não descarto, em momento algum, a qualidade de artistas já famosos e com o exército de ajudantes, mas posso dizer que no mundo artístico, quanto menos ferramentas temos para produzir, melhor e mais criativo é o produto final. O problema aparece na hora de apresentar este produto. O que gravadoras, editoras e publicitários profissionais o fazem em dias, nós artistas independentes fazemos em meses, ou até anos. Me pergunto se o futuro das artes, daquelas de qualidade real, produzidas com um amor profundo e quase patológico está na independência e, desta forma, fadado a ser ofuscado pela sombra dos grandes (famosos) artistas.

Rafael Farah



A Fantástica Saga de Harry Potter

A literatura fantástica sendo remodelada.

por Amanda Guerra

Tendo lançado Harry Potter e a Pedra Filosofal em meados de 2007, J. K. Rowling iniciou uma renovação no que diz respeito à então

chamada literatura infantil. E a cada livro seguinte, a conhecida trama burguesa de menino sofredor que se descobre rico e famoso cai nas graças

populares atingindo um público gigantesco e, não mais apenas infantil. O bruxo passou a fazer parte da cultura de massa e ganha cada vez mais fãs.

A expiação do personagem principal; a constante luta entre o bem e o mal dentro de si mesmo; a busca por afirmação; a procura de um sentido para a vida – tudo faz com que o resto do mundo se identifique automaticamente com o protagonista e, todo o ambiente fantástico ajuda a transferir essa empatia para o subconsciente. Desta forma, ninguém admite, mas todos se vêem no pequeno garoto em busca do seu lugar ao Sol. Junte-se a essa mistura um senso de

moralidade inquestionável, porém realista, e está feito um novo clássico. Um clássico das massas e, mais que isso, das massas adolescentes. E permite que esse público se transforme na maior aposta do mercado editorial, abrindo caminho para que vários outros peguem carona nesse sucesso repentino.

“...Dentre tantas referências aleatórias...”

O formato diferenciado para o público jovem, com o Mal tendo o mesmo apelo e espaço

que o Bem foi, sem dúvida, o ponto alto da série. Ao longo da história, personagens importantes morreram e ocorreram injustiças em relação ao que se espera do plano divino. Na contramão de toda a fantasia, havia um personagem principal com medos e azares humanos, apenas disfarçados em metáforas mágicas. Dentre tantas referências aleatórias, entre mitologia nórdica e folclore anglo saxão, o mundo inteiro foi acreditando que aquilo era possível, que na vida real não era tão diferente assim. A partir desta identificação, simplesmente não se podia mais viver sem Harry Potter. Virou mania, obsessão, virou o que todo livro espera



virar: mais que uma história. Uma parte da vida dos leitores.

Depois de 14 anos nessa catarse coletiva, a saga chegou ao fim, com o lançamento do último filme adaptado. E com louvor. Sem a menor pretensão de ser ainda verdadeiro, Harry Potter e as Relíquias da Morte – parte dois enaltece a já antiga visão

maniqueista do mundo. E como era de se esperar, o bem se sobressai.

Se o último livro foi o mais intenso e triste de todos, foi também o que melhor representou o espírito da série. Com luto e sofrimento ímpares, mas voltando à mensagem de felizes para sempre. Satisfazendo com dignidade um público de

leitores recentes, carente de clássicos e de finais felizes. Se os hiperbólicos fãs inveterados do bruxinho exageram em dizer que a série mudou a história da literatura pós-moderna, pode-se afirmar ao menos que definitivamente relançou a categoria contos de fada. E que muitas crianças ainda aguardam a cartinha de Hogwarts.■





Vinte anos de histórias, encontros e privilégios

Cia. Fodidos Privilegiados retorna ao palco do recém reformado Teatro Dulcina, celebrando o velho teatro de grupo.

por Leandro Bertholini

Há exatos 20 anos o diretor de teatro Antônio Abujamra apresentava o espetáculo “Um Certo Hamlet” no Palco do Teatro Dulcina, no Centro do Rio, e junto veio a público uma grande companhia de teatro que neste mês comemora sua longa estrada. Trata-se da Cia. Teatral Os Fodidos Privilegiados, que já cansou de ter seu nome censurado nos principais veículos de comunicação e hoje se consolida como uma das principais cias. do estado, enaltecendo o velho teatro de grupo.

Os atores chegam aos poucos, saúdam apressados os colegas revistos após tempos

e voam ao camarim. De volta, aprumados e des-pudorados em transparentes vestidos brancos, circulam entre palco e poltronas do Teatro Dulcina antes de iniciar o ensaio. Minutos antes, quem estava de pé ali, acertando detalhes técnicos e negociando com os ponteiros do relógio, era João Fonseca. O diretor, que assumiu o comando da Cia. Fodidos Privilegiados há exatos dez anos, é o responsável pela encenação de “Uma festa privilegiada”, montagem que celebra os 20 anos da companhia.

Sentados em cadeiras e com as vestes brancas, estão ali perso-



nagens que marcaram os 24 espetáculos criados pelo grupo. Todos costurados num longo pout-pourri teatral que evoca cenas memoráveis de sucessos como “Um Certo Hamlet” e “Fedra” (1991), “Exorbitâncias” (1995), “O Casamento” (1997), “O Auto da Compadecida” (1998), “Tudo

no Timing” (1999), assim como as recentes “Escravas do Amor” (2006) e “Comédia Russa” (2010).

Sob o comando de Abujamra ou de João, atravessaram e se perpetuaram na condição de fodidos privilegiados mais de 150 atores fixos e convidados, gente

das mais variadas gerações, como Paulo Autran, Edney Geovenazzi, Camila Amado, entre outros.

“ M o n t a m o s ‘Um certo Hamlet’ aqui mesmo no Dulcina, com a Vera (Holtz) e a Claudia (Abreu). Depois veio ‘Fedra’, com a Deborah (Evelyn) e a Vera de novo, e ‘A serpente’, do Nelson (Rodrigues), com o Grassi - conta a atriz e diretora Paula Sandroni, uma das poucas remanescentes do grupo original. - Eu tinha só 20 anos, hoje tenho 40. E, olhando para trás, vejo que, se o grupo tem uma característica, é a busca pelo ineditismo, pela ousadia, pelo deboche, pela ironia. As pessoas sabem que vão rir com os Fodidos.

“...Foi muito enriquecedor viver de perto aquela criação caótica...”

O diretor Charles Möeller, que conheceu Abujamra através da TV, nos corredores da Bandeirantes, trata sua passagem pelo grupo como um marco:

“Tive alguns mestres na minha vida, e o Abujamra foi um deles” conta Möeller, responsável por figurinos de peças como “O casamento” e “O Auto da Compadecida”. “Ele tinha uma alquimia com os jovens. Todos ficavam vidrados em volta daquele bruxo, ouvindo citações de Gui-

marães Rosa a Brecht. Foi muito enriquecedor viver de perto aquela criação caótica, coletiva e ininterrupta. Entrar no Dulcina com os Fodidos era enveredar por um universo paralelo, onde todo mundo podia tudo, onde o coadjuvante virava protagonista de um dia para o outro.”

Hoje, 16 anos depois, João Fonseca se vale do modelo adotado por Abujamra em “Exorbitâncias” para criar “Uma festa privilegiada”. “É o mesmo molde. Selecionamos cenas que foram bastante significativas para os atores e que representam momentos importantes para o grupo.” ■



Teatro Dulcina
Reformado

Seja diferente.

Seja **CRASE**.



As estrelas dos festivais

O que vai andar nos pés de quem procura boa música e diversão.

por Clarissa Affonseca

Com mais de cinco milhões de expectadores na bagagem, o Rock in Rio desembarca no dia vinte e três de setembro no Rio de Janeiro pra dar um show de música

e diversão. Pra moda, festivais como este são universos de expressões de estilo em que tudo é possível. Mesmo assim, dentre toda essa miscelânea há uma estrela

que ainda reina dentro e fora dos palcos: o All Star.

O All Star é um tênis que tem história. Datado de 1918, o tênis que foi inicialmente criado para a prática esportiva hoje é fornecido para as tropas militares dos Estados Unidos e viaja o mundo nos pés de jovens aventureiros.

Por ser tão versátil assim, o modelo Chuck Taylor foi escolhido para ser o tênis oficial do Rock in Rio 2011. Foram criados dois modelos diferentes, um de lona branca com estampa de frases que remetem a diferentes épocas do festival e o outro mais básico e liso

com três versões com as cores que fazem parte da logo do Rock in Rio. Os modelos já estão sendo vendidos nas lojas e através da internet.

“...aproveitar o embalo e se aventurar no festival de música...”

Outra estrela internacional que já virou sensação nos festivais de além-mares nos pezinhos de famosas como Kate Moss são as Hunter boots. As botas, galochas feitas em diversas cores e materiais emborrachados, são ideais para

serem usadas em lugares com menos infraestrutura porque elas vedam completamente os pés impedindo o contato com a umidade do solo.

Portanto, pra quem quer aproveitar o embalo e se aventurar no festival de música SWU que vai acontecer em novembro na cidade de Paulínia em São Paulo, nada melhor do que levar essas botinas na mala.

E pra quem não curte muita lama, mas gostou das Hunter boots saiba que nas ruas de Nova York essas botas já são moda, então vale à pena usá-las aqui no Brasil, afinal, em nossas



idades grandes ainda tem muita lama e sujeira pra serem transpassadas.

Então, quando a multidão começar a se aglomerar na frente do palco e as luzes se acenderem, lembre-se de olhar pra baixo e ver quem realmente serão as estrelas da festa. ■



Hunter Boots
Pra aproveitar a vida
em qualquer lugar





Filosofo Sócrates

+1 Adicionar aos amigos

Trabalhou em Filosofia (filosofo)

Educação e trabalho

Empregadores



Filosofia
filosofo

Informações básicas

Gênero

Masculino

Filósofos de Facebook

O despertar dos pensadores de latrinas.

por Rafael Farah

Difícil entender como estes filósofos de Facebook conseguem “curtir” nomes como Robert Frost e Machado de Assis, ao mesmo tempo em que mostram aquele clipe de hip-hop maneiríssimo em que o “cantor”, além

de cuspir em sua língua natal, confessa o quanto as “cadelas” gostam dele e do seu dinheiro. Nada contra o gênero musical, mas a discrepância entre uma atitude e outra é perfeitamente visível. Essa “nova” moda dos

Facebooks e Twitters da vida é um tanto confusa.

Inúmeras *time-lines* repletas de citações filosóficas, frases sagazes e verdadeiras, especialmente da maravilhosa Clarice Lispector, que era um lençol d'água de sabedoria. Pseudo-intelectuais tentando garantir seu lugar ao sol à custa de autores publicados e reconhecidos. O lado positivo disso é que as pessoas ao menos se interessam em passar a imagem de cultos. No entanto, não passam de palavras vazias entoadas por pessoas muitas vezes mais vazias ainda. Isso tudo baseado em observações e testemunhos de diversas situações em

que estes filósofos de Facebook tomam atitudes completamente divergentes de suas tão agraciadas, curtidas e comentadas citações. Mas é o que dizem; na internet podemos ser quem quisermos, nos reinventar quantas vezes forem necessárias. Só esquecem que cedo ou tarde temos que encarar o mundo real e, é aí que os pensadores de privada se veem despreparados e desarmados.

“Esta “simbiose unilateral” é válida...”

É impressionante a capacidade das pessoas

de vasculhar o Google por frases prontas ao invés de tentarem fazer suas próprias. Será que nossa sociedade está fadada a apenas simular ideais e filosofias já apresentadas exaustivamente por pensadores conhecidos? A aversão ao pensamento único e independente demonstrada por muitos de nós é assustadora. Muito mais do que as tentativas fracasadas de se mostrarem mais cultos do que realmente são. E é aí que se encontra a frustração.

Esta “simbiose unilateral” é válida, mas é preciso uma investigação mais profunda destas filosofias. O copiar e colar, mesmo que visto com maus



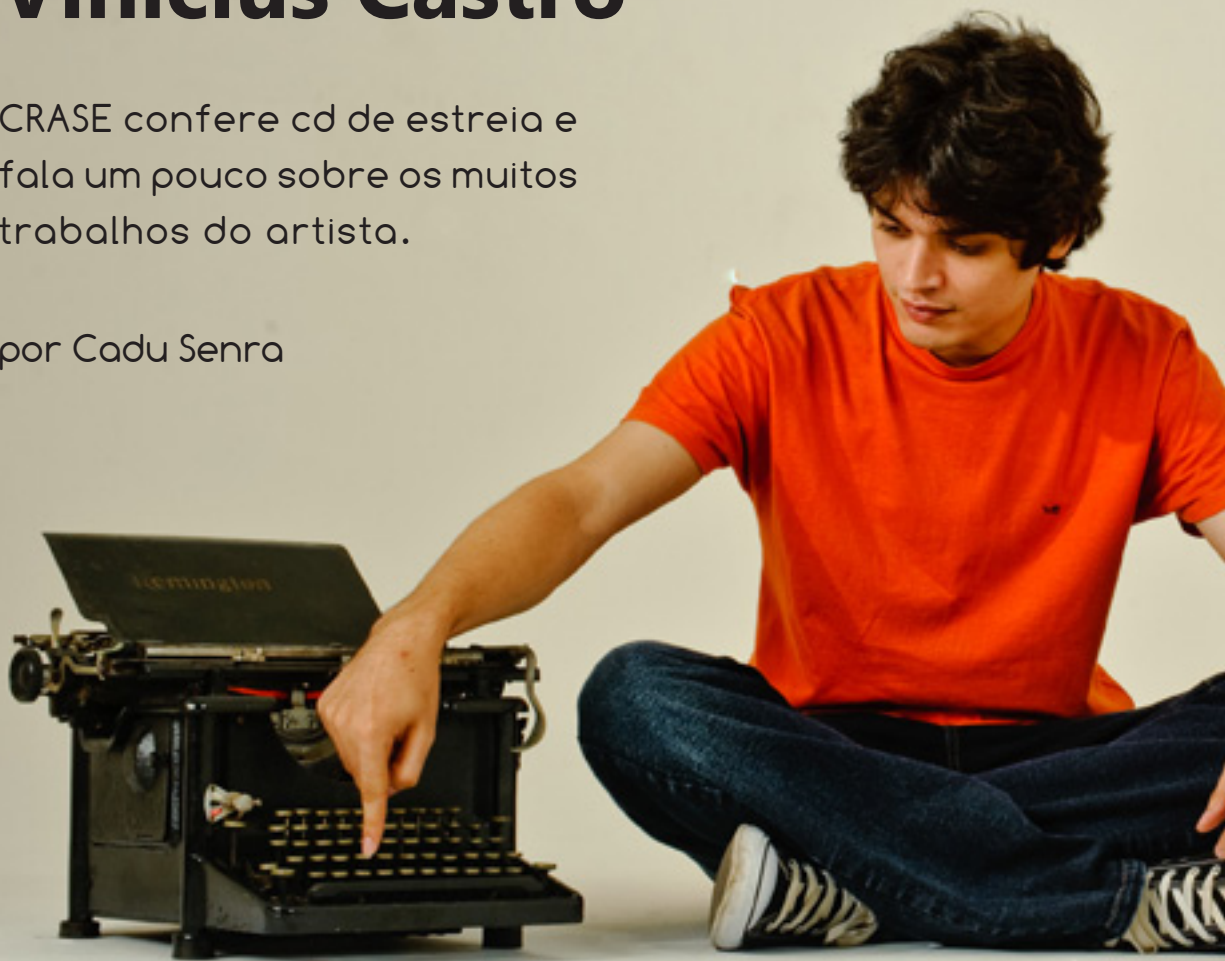
olhos pode ser o primeiro passo para a obtenção de conhecimento. Então citem, copiem, plagiem o que for, mas procurem entender também o “porquê”, “como” e “quando”. Talvez assim possamos usar esta vergonhosa mania que desenvolvemos, como alavanca para uma mudança na linha de pensamento conformada e preguiçosa abraçada por muitos de nós. ■



A sinfonia popular de Vinicius Castro

CRASE confere cd de estreia e fala um pouco sobre os muitos trabalhos do artista.

por Cadu Senra



Após três anos de trabalho duro, pouca verba, alguns estúdios e a combinação perfeita entre notas musicais e letras, o cd de estreia do recifense mais que carioca, Vinicius Castro, “Jogo de Palavras”, sai do forno. O álbum é um autêntico registro da MPB, daqueles como se costumava ouvir antigamente,

composto pelos os grandes nomes do gênero. Diversos universos são cuidadosamente visitados pelo compositor, saciando por completo os anseios do ouvinte sedento por boa música nacional. Ouve-se do tango ao rock n’ roll, do baião às músicas infantis, do blues à bossa nova. Entretanto,





o compositor ressalta que os diferentes estilos musicais são usados como meros mecanismos para fazer a letra – a principal personagem do cd – sobressair-se de forma a ser sentida e absorvida pelo ouvinte. Letras estas repletas de figuras de linguagem e inversões, assim como o nome do cd anuncia.

Vinicius é um daqueles compositores que exalam inspiração pelos poros. Segundo ele próprio, até os treze anos de idade pouco conhecia ou gostava de música. Após assistir um clipe na TV, achou que compor um disco deveria ser algo fácil, por isso, tentou. Apesar de não saber absolutamente nada de



teoria musical e não tocar um instrumento, Vinicius conseguiu fazer algumas letras as quais cantava “à capela” - sem acompanhamento musical. A partir daí não parou mais.

Do primeiro cd comprado - “Hey Na Na” dos Paralamas do Sucesso - até a admiração por Chico Buarque, o menino

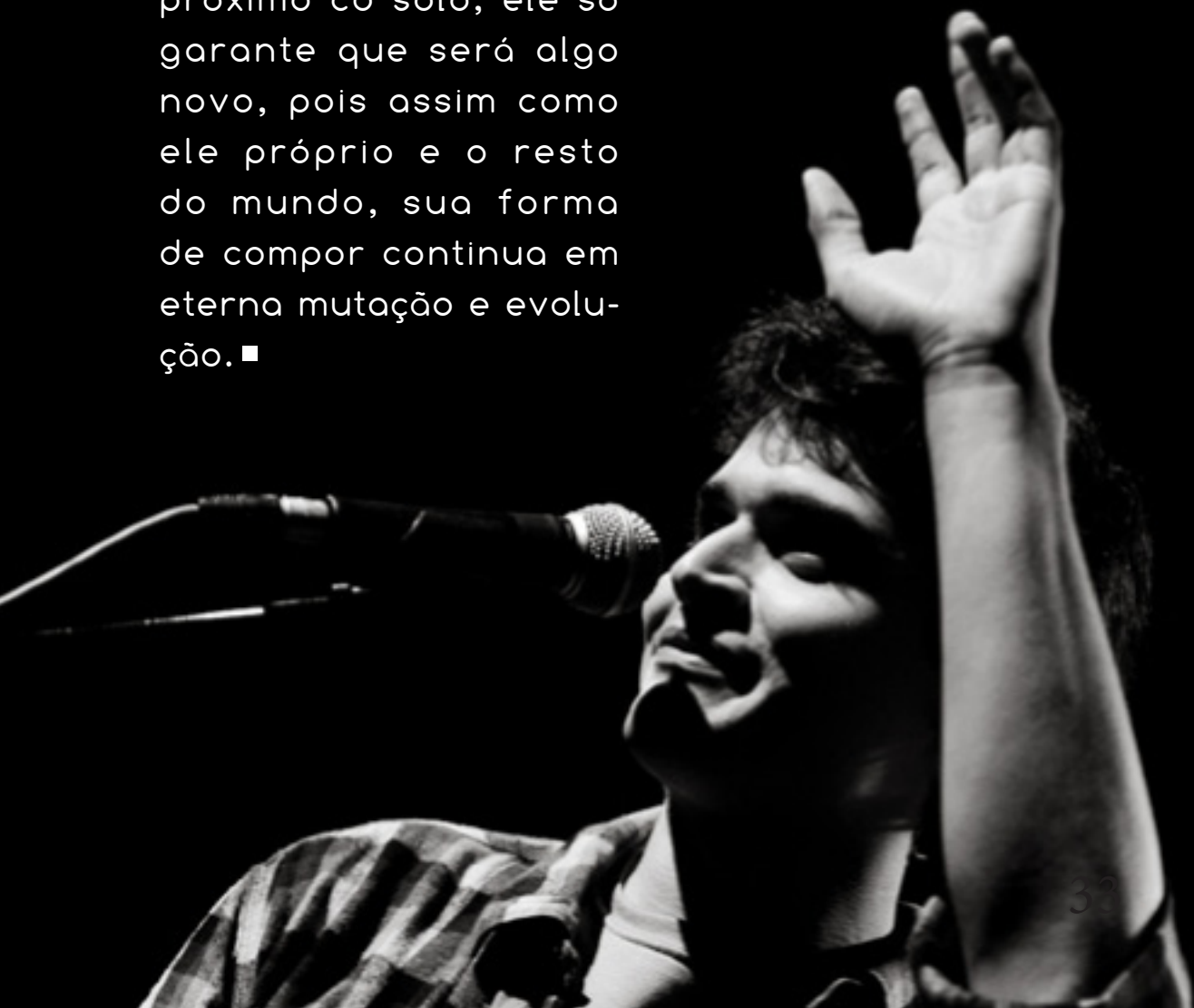
amadureceu, aprendeu diversos instrumentos, e chegou até a gravar cinco CDs em casa, cada um com 20 faixas, todas compostas e executadas por ele. Porém, o artista considera essa fase uma grande experimentação, já que ainda não havia formalizado seu conhecimento em teoria musical. O que fez com muita

propriedade em seguida, ao estudar violão em um conservatório no Sul, e se formar em MPB pela Uni-Rio.

A paixão pelo bom português e a vontade de fazer um trabalho que respeite o universo infantil – algo difícil de encontrar na visão de Vinicius – o levou a escrever o livro “O Sapo Distraído”, recentemente lançado pela editora Multifoco, e que vem acompanhado de um cd com a faixa que deu origem a história. Nele, Vinicius brinca com as diversas expressões da língua portuguesa que se utilizam do Sapo. A experiência do músico

com as crianças vai além, assim como numa recente versão da peça de Maria Clara Machado, “A Menina e o Vento”, que teve a trilha composta por ele. Vinicius conta que já existe um cd inteiro composto para esse universo com seu projeto paralelo, a banda CRIA. Porém, ao invés da nomenclatura “infantil”, o Bacharel em MPB prefere intitular o trabalho de “familiar”, já que busca despertar o interesse de toda família, utilizando um vocabulário rico para estimular a curiosidade das crianças, promovendo uma maior interação com seus pais e familiares.

Em meio aos shows, bandas, trilhas sonoras, poematos e livros, Vinicius continua trabalhando intensamente com a música que ama. E quando questionado sobre o viés de um próximo cd solo, ele só garante que será algo novo, pois assim como ele próprio e o resto do mundo, sua forma de compor continua em eterna mutação e evolução. ■





Bê-a-Base!

O caos na educação.

por Bruno Buhr

Se estreita a contagem para as próximas eleições para prefeitos e vereadores nos 5.564 municípios brasileiros. A Revista Crase revisitará, nos meses subsequentes, os principais temas que

circundam os debates políticos, que visam promover uma escolha consciente dos candidatos. Começamos pela base, a raiz da maior parte dos problemas sociais no Brasil, a educação.

Toda vez que o período supracitado se aproxima, são apresentados pela situação as significativas melhoras e bruscas quedas nos índices de analfabetismo, enquanto a educação míngua a olhos vistos. Embora os índices gerais pareçam ter melhorado aos olhos dos organismos internacionais, tais dados não refletem a realidade.

Mascarados, pela hipocrisia de nossas fajutas políticas educacionais, o governo falha na educação de base quando permite que a aprovação automática leve adiante crianças analfabetas ou mal alfabetizadas, até o terceiro ano primário pelo menos. Depois de forne-

cer uma educação pública, via de regra, medíocre, o Estado facilita o acesso destes clientes, destinatários de um péssimo serviço, às faculdades públicas como uma mea culpa do estado que assume a deficiência dos seus préstimos educacionais.

“A educação é a luz que ilumina a trilha que ruma à igualdade...”

A política de cotas deveriam ser um paliativo até que todo o falido sistema educacional fosse reformulado. Ao invés disso, as cotas foram tomadas como solução

definitiva, apoiada integralmente pelos movimentos negros como se tal ação fosse uma compensação justa pelas afrontas e tormentos sofridos no passado e que ainda ecoam nesses tempos. O sistema de cotas não passa de uma esmola, quando comparada aos direitos que fazem jus todas as categorias e minorias renegadas e negligenciadas por séculos nesse país.

Assim como as cotas universitárias, a progressão continuada demonstra apenas que os governos privilegiam o fundo pela forma, ou seja, preferem bolar artifícios e malandragens que melhoram os



gráficos referentes à queda do analfabetismo ou da evasão escolar, enquanto analfabetos funcionais ocupam as carteiras de uma sala de quinta série e mais tarde ingressam em faculdades públicas sem a base necessária para trilhar o curso.

O Brasil é um país de desigualdades, isso não se questiona. Negros ainda são maioria na base da pirâmide social, recebem menos em relação

a cargos idênticos ocupados por brancos, mas a pergunta que não cala é aonde fica a chave capaz de abrir as portas para mudanças fáticas? A educação é a luz que ilumina a trilha que rumo à igualdade. Todavia o problema é especulado, mascarado, maquiado, mas nunca resolvido.

Não se enganem; existem soluções a curto prazo para os problemas educacionais no Brasil. O que precisamos é de um projeto capaz de reestruturar a educação no país da base ao topo, permitindo a paridade de recursos entre estudantes e não de uma rasura nos gráficos e índices. ■



Isto também é educação

CRASE